

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

A RELAÇÃO AFETIVA PROFESSOR-ALUNO COM A APRENDIZAGEM

ANA LÚCIA PAZINI BONFANTE

ORIENTADORA: LÍLIAN MEIRE DE OLIVEIRA PINTO



Universidade de Brasília

BRASÍLIA/2011



**Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP**

**Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde
PGPDS**

ANA LÚCIA PAZINI BONFANTE

A RELAÇÃO AFETIVA PROFESSOR-ALUNO COM A APRENDIZAGEM

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, da
Faculdade UAB/UNB - Pólo de Itapetininga.
Orientadora: Lílian Meire de Oliveira Pinto.

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA LÚCIA PAZINI BONFANTE

A RELAÇÃO AFETIVA PROFESSOR-ALUNO COM A APRENDIZAGEM

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em ____/____/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

LÍLIAN MEIRE DE OLIVEIRA PINTO (Orientadora)

VALÍCIA FERREIRA GOMES (Examinadora)

ANA LÚCIA PAZINI BONFANTE (Cursista)

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido, pela paciência e pelos momentos ausentes. Às minhas filhas pelo apoio, colaboração e carinho que tiveram comigo durante todos esses meses.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado forças e sabedoria no decorrer destes meses de estudo.

À minha orientadora Lílian Meire de Oliveira Pinto, pela motivação e orientação durante a elaboração deste trabalho.

A todos os professores que direta ou indiretamente ajudaram nos alicerces da construção deste trabalho.

Aos alunos participantes deste estudo, que com sua simplicidade e alegria ensinaram muito mais do que aprenderam.

Aos colegas da escola, que me receberam tão bem para a realização das pesquisas. E finalmente agradeço a todos os colegas que em um momento ou outro foram parceiros neste trabalho.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi estudar a influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. A finalidade foi discutir a relação afetiva e a sua influência nesse processo. As metodologias utilizadas foram entrevistas com professores, alunos e pais de alunos da rede pública do estado de São Paulo, além de pesquisas bibliográficas. A análise das informações nos permitiu verificar que a afetividade pode ser utilizada como instrumento que melhora e proporciona qualidade na aprendizagem, trazendo respostas positivas para a aquisição de conhecimentos, na formação do aluno para a vida, na inclusão dos portadores de necessidades educacionais especiais, prevalecendo o respeito, o carinho e a atenção nas interações com outras pessoas, possibilitando uma convivência mais humana.

Palavras-Chaves: Afetividade, Inclusão, Ensino-aprendizagem.

SUMÁRIO

RESUMO

APRESENTAÇÃO.....	9
I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
1.1 A Afetividade e a educação.....	12
1.2 O professor e a inclusão.....	17
1.3 Papel da família.....	21
II – OBJETIVOS.....	24
III – METODOLOGIA.....	25
3.1- Fundamentação Teórica da Metodologia.....	25
3.2 - Contexto da Pesquisa.....	25
3.3 - Participantes.....	26
3.4 - Materiais.....	26
3.5 - Instrumentos de Construção de Dados.....	26
3.6 - Procedimentos de Construção de Dados.....	27
3.7 - Procedimentos de Análise de Dados.....	28
IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
4.1 - Caracterização dos Participantes.....	30
4.1.1 - Professores.....	30
4.1.2 - Alunos.....	31
4.1.3 - Familiares dos alunos.....	31
4.2 - Entrevista com os Professores.....	32
4.2.1 - Entendimento sobre afetividade.....	32
4.2.2 - Dificuldades no processo de inclusão.....	32
4.2.3 - A afetividade e a inclusão.....	33

4.2.4 - A família auxiliando no processo de inclusão.....	34
4.3 - Entrevista com os Alunos.....	35
4.3.1 - A afetividade e as atividades escolares.....	35
4.3.2 - Afetividade para com os professores, colegas e escola no auxilio às atividades escolares.....	35
4.3.3 - A família na vida escolar do aluno	36
4.4 - Entrevista com as Mães dos Alunos.....	37
4.4.1 - A escola e a inclusão.....	37
4.4.2 - Dificuldades no processo de inclusão.....	37
4.4.3 - A afetividade e a inclusão.....	38
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICES.....	44
A – Questionário para os pais (Modelo)	44
B – Questionário para os professores (Modelo)	46
C – Questionário para os alunos (Modelo)	48
ANEXOS.....	50
A - Carta de Apresentação – Escola (Modelo)	50
B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais (Modelo)	51
C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo)	52

APRESENTAÇÃO

Para discutir a importância da afetividade na Educação Inclusiva, temos que compreender que todos os indivíduos portadores de quaisquer tipos de deficiência, têm o direito a uma educação que promova seu desenvolvimento e participação na sociedade.

A educação inclusiva deve desenvolver esforços para compreender a diversidade e a variedade humana, para educar e integrar todos os que apresentam necessidades diferentes, permitindo ao indivíduo aprender e reaprender novas aquisições, competências e atitudes, ou seja, tudo o que possa ajudá-los a crescer, desenvolver e readaptar, proporcionando assim, sua inserção na sociedade e consequentemente, uma melhor qualidade de vida.

A sociedade inclusiva deve oferecer às pessoas com deficiência, o direito de desenvolverem e ampliarem os seus potenciais. A presença de uma deficiência, de uma dificuldade ou de uma desordem, qualquer que seja a sua severidade, não deve alterar a necessidade de respeitar a dignidade humana dos portadores de necessidades especiais. Educá-los de forma inclusiva é uma luta pelos direitos humanos, onde a deficiência não é uma condição fixa, imutável, pois o indivíduo com necessidades educacionais especiais está passível de modificações do seu potencial de habilidade e do cognitivo.

Neste contexto falar de afetividade no processo ensino-aprendizagem é de grande importância para o desenvolvimento intelectual, social, emocional e afetivo de um indivíduo com ou sem deficiência.

O aspecto afetivo é um importante elemento a se considerar, quando se pretende compreender o processo de aprendizagem dos indivíduos. Situações como o abandono, um ambiente desfavorável à manifestação afetiva, a depreciação, são variáveis intervenientes no processo de aprendizagem e desenvolvimento.

A afetividade possui uma significação ampla, refere-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. Para que as habilidades das crianças se desenvolvam, as mesmas necessitam conviver em um ambiente

onde as relações afetivas se fazem presentes na escola, em casa, na comunidade e nos demais meios que as cercam.

Na teoria Waloniana a afetividade é um ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo. É a partir da organização do contato com o outro, que uma criança cria um vínculo afetivo. Aos poucos a diferenciação do meio social e suas mudanças passam a formar grupos que vão conquistando a afetividade de maneira diferenciada de si e dos outros.

A afetividade e a inteligência são concomitantes entre si, pois ao mesmo tempo em que a afetividade se estende ao desenvolvimento do indivíduo com necessidades educacionais especiais ou não, a inteligência caminha paralelamente a esse processo de desenvolvimento integrado.

Para que a aprendizagem, o desenvolvimento e a inclusão aconteçam é necessário que se institua um ajustamento afetivo. O educando precisa envolver-se em um ambiente escolar de modo a sentir-se acolhido em todos os sentidos, para que seja possibilitado seu desenvolvimento em sua totalidade. A adaptação ao ambiente escolar, bem como as exigências demandadas por ela, pode ser motivo de muitas angústias e geradora de insegurança por parte dos envolvidos nesse processo, mas com a participação, o comprometimento e afetividade o indivíduo tem condições de se desenvolver.

A compreensão e afetividade favorecem a adaptação, integração e desenvolvimento em sala de aula. O aluno passa a sentir que faz parte do processo em que está inserido. O professor com sua participação e compreensão, passa a ser um sujeito que faz parte da história pessoal do aluno, e não um mero transmissor de conhecimento. Porque é a partir da interação entre professor e aluno, que se estabelecem as afinidades ou afetividades e assim a inclusão e o desenvolvimento realmente acontecem.

Pode-se afirmar que as relações feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro. Tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam sua auto-imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em

suas capacidades. A tarefa do professor é saber lidar com as diferenças, é tentar retirar o aluno da sua auto-relação e levá-lo a uma relação com o outro.

É importante estar ciente que os alunos com necessidades educacionais especiais são sujeitos que possuem capacidades próprias e que possuem como todos, limites e possibilidades.

Sou professora da Rede Estadual de Ensino de São Paulo há quase vinte anos. Trabalho com alunos das séries iniciais do ensino fundamental e durante todo esse tempo vivenciei situações onde a afetividade impulsionava meu trabalho, pois me deparei com alunos emocionalmente comprometidos, deficientes auditivos e com síndrome de Down.

O meu objetivo com esse trabalho é ressaltar a importância da relação afetiva entre professor-aluno, para que o desenvolvimento e a inclusão de educandos com necessidades educacionais especiais ocorra naturalmente e para que os educadores percebam que é possível promover a inclusão, mesmo com todas as dificuldades encontradas no cotidiano escolar.

Desta forma, o meu trabalho está organizado da seguinte forma, inicialmente apresento uma breve discussão teórica sobre os aspectos principais do meu tema de pesquisa, como a afetividade e a educação; o professor e a inclusão e o papel da escola. Depois são expostos os objetivos deste trabalho, seguidos da metodologia utilizada para conseguir concretizar esta pesquisa. No capítulo seguinte são apresentados os resultados encontrados com as entrevistas realizadas, sendo estes discutidos à luz da teoria. No penúltimo capítulo apresento minhas considerações finais e por último as referências utilizadas para composição desta monografia. Ao final, são anexados os roteiros de entrevistas e os termos de autorização que permitiram a realização deste trabalho.

I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A Afetividade e a educação

A vida humana é possível quando existem relações afetivas nas quais se percebem os sentimentos profundos e positivos do outro a seu respeito. A afetividade representa a capacidade de expressar sentimentos e emoções.

Segundo pesquisas sobre a teoria de Wallon (1975), entende-se afetividade como um dos primeiros sentimentos vivenciados pela criança desde a primeira infância. Um recém-nascido, mesmo antes de instituir uma relação no sentido de conhecer e descobrir o mundo físico possui um sentimento de afetividade. Dependendo da sua condição familiar e o ambiente em que vive, esta emoção gerada o acompanhará pelo resto da vida.

A afetividade constitui um domínio tão importante quanto a inteligência para o desenvolvimento humano. Ela inclui os sentimentos que são estados subjetivos mais duradouros e menos orgânicos que as emoções das quais se diferenciam nitidamente. As emoções, uma das formas de afetividade, são verdadeiras síndromes: cólera, medo, tristeza, alegria, timidez. A afetividade, com este sentido abrangente, evolui ao longo da psicogênese, uma vez que incorpora as conquistas realizadas no plano da inteligência (Almeida 1999).

Todo comportamento humano envolve inteligência e afetividade. Esta indissociação é mais evidente nas ações habituais próprias da inteligência prática, em que o interesse intrínseco e extrínseco está constantemente presente e a seleção perceptiva encontra-se baseada em sentimentos de agrado e desagrado (Brenelli, 2004).

Segundo Muniz, há a necessidade de um esclarecimento maior sobre os aspectos afetivos envolvidos no processo de escolarização, em virtude das constantes confusões que se costuma fazer entre compromisso, sentimentos, emoções, preconceitos, que estão presentes em qualquer relação social. Tal esclarecimento contribui para um melhor entendimento sobre todos os fatores afetivos que interferem no processo ensino-aprendizagem.

Ao longo do tempo, os processos educativos tradicionais deixaram de lado o sujeito e suas emoções. Pensar em educação demanda refletir sobre o conceito que cada protagonista desse cenário, professores e alunos tem sobre ela e sua prática. É trabalhar o ser humano em sua totalidade, além de seu relacionamento com os outros e com o mundo. Conceber e desenvolver processos educativos que considerem o indivíduo em sua totalidade, na qual a afetividade e intelecto se relacionam diretamente (SISTO, OLIVEIRA, FINI, 2004).

Segundo Tassoni (2000), toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir de interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a relação entre professores, alunos, conteúdos escolares, entre outros, não acontece só no campo cognitivo, mas também no afetivo.

Tanto a afetividade como a inteligência, são mecanismos de adaptação, que permitem ao indivíduo a construção de noções sobre as situações, os objetos e as pessoas, atribuindo-lhes atributos, qualidades e valores. Isso contribui para a construção de si, para a obtenção de uma visão do mundo. Dessa forma, amor, tristeza, alegria ou medo, levam o indivíduo a procurar ou evitar certas pessoas ou experiências. Na interação que o professor e aluno estabelecem na escola, os fatores afetivos e cognitivos de ambos, exercem influência decisiva que permitem relacionar várias áreas em que as tendências cognitivas específicas de cada indivíduo podem influenciar, de modo significativo, a falta de afetividade (SISTO, et al., 2004).

Segundo Freire citado por Achkar (2003), educar envolve a compreensão de sentimentos, das emoções, num processo intuitivo de afeto, e devemos acreditar nessa intuição para poder nos abrir ao novo.

As emoções são verdadeiros sintomas imediatos e segundo Wallon (1975), a emoção deve ser diferenciada de algumas manifestações afetivas. Sendo importante e necessária, a emoção deve ser refletida em sala de aula, pois a escola muitas vezes só mantém a função de transmissora do conhecimento, ignorando o trabalho paralelo do desenvolvimento humano, relacionado ao aspecto cognitivo, pois os aspectos afetivos são considerados distantes da relação do conhecimento.

O homem aprende sua humanidade em grupo, humaniza-se na interação com os outros, na socialização, no aprender e reproduzir sua cultura, com seus hábitos, costumes, suas regras, suas normas, seus valores. É da compreensão da estreita inter-relação de cada indivíduo com os demais, que se evidencia a consciência de que o que atinge a um atinge a todos.

Libâneo (1998) afirma que “o ser humano se desenvolve e transforma continuamente, e a educação pode atuar na configuração da personalidade a partir de certas condições internas do indivíduo”.

Proporcionar um ambiente favorável à aprendizagem em que sejam trabalhados a auto-estima, a confiança, o respeito mútuo, a valorização do aluno, sem contudo, esquecermos da importância de um ambiente desafiador, mas que mantenha um nível aceitável de tensões e cobranças, são algumas das situações que devem ser pensadas e avaliadas pelos educadores na condução do seu trabalho. Um ambiente que não coloque o indivíduo nenhum tipo de solicitação, que não apresente desafios e que não cause nenhum tipo de ansiedade, pode ser tão prejudicial ao desenvolvimento quanto o seu oposto (MARTINELLI, 2004; SISTO, et al., 2004).

É na sala de aula, que a inclusão ou exclusão escolar efetivamente acontece. O tipo de relação existente entre os envolvidos, direta ou indiretamente com a educação do aluno, podem interferir positiva ou negativamente, promovendo ou não o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Para Piaget (1990) toda conduta, seja ela de origem afetiva ou cognitiva, é sempre adaptativa, e nesse sentido visa sempre o restabelecimento do equilíbrio entre o organismo e o meio. Dessa maneira, a afetividade para Piaget, seria a energia da qual depende o funcionamento da inteligência, podendo assim dizer, que a afetividade pode ser desencadeadora de novas condutas, que pode acelerar ou retardar o desenvolvimento intelectual. Deste ponto de vista, pode-se dizer que a afetividade estaria de alguma forma direcionando os interesses (motivação) do indivíduo e controlando a intensidade ou quantidade de energia despendida em cada ato de conhecimento, ou seja, os sentimentos

que aquela atividade desperta no indivíduo. Para este autor, o interesse ou a motivação para fazer algo é sempre decorrente de uma necessidade.

A afetividade estabelece uma importante relação com o conhecimento, o desenvolvimento e a inclusão, daí a importância da relação afetiva entre o professor e o aluno. Piaget (1990) estabelece uma correspondência entre o desenvolvimento intelectual e afetivo, pois elas caminham juntas.

Conforme Pain (1987), o sujeito da aprendizagem opera sobre dois vértices distintos: o desejo e a inteligência. Ao considerar a dimensão afetiva que o aluno traz como bagagem psíquica, e a articulação desta, com os processos intelectuais, tem-se uma visão interligada que é de importância fundamental para a compreensão desse aluno e do processo de aprendizagem como um todo.

Na teoria de Wallon (1975), o meio físico e social em que a criança vive é muito importante, exercendo uma grande influência no desenvolvimento da mesma. Nas relações humanas, os estímulos cognitivos e afetivos são extremamente importantes no desenvolvimento do indivíduo. Todo o trabalho desenvolvido pelo professor na escola depende do envolvimento afetivo, contribuindo efetivamente para o desenvolvimento e inclusão dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais. Wallon destaca, ainda, importância do aspecto afetivo, como anterior a qualquer tipo de comportamento.

A questão da afetividade no cotidiano escolar se apóia na teoria do desenvolvimento de Wallon. Em todos os níveis de desenvolvimento, a integração cognitiva e afetiva é necessária, pois ao aceitar essa integração, o professor amplia sua visão e tem melhores elementos para identificar suas necessidades e as do aluno. A cognição e a afetividade são dimensões inseparáveis do processo ensino-aprendizagem e inclusão.

Wallon (apud Almeida, 1999) destaca que “a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados”.

A escola é um campo fértil, onde essas relações a todo tempo se evidenciam, seja através de conflitos e oposições, seja do diálogo e da interação. Para Wallon (1975), os

conflitos são essenciais ao desenvolvimento da personalidade. “O conflito faz parte da natureza, da vida das espécies, porque somente ele é capaz de romper estruturas prefixadas, limites predefinidos. O conflito atinge os planos sociais, morais, intelectuais e orgânicos” (Almeida, 1999).

Segundo Panizzi (2004), só há conflito onde há diferença e o homem sendo um ser múltiplo e diversificado não tem como evitá-lo. No cotidiano escolar, essencialmente heterogêneo, é imprescindível que o conflito seja encarado como possibilidade favorável ao desenvolvimento emocional e intelectual dos sujeitos, envolvidos no processo ensino-aprendizagem. As situações de conflito aluno/aluno, aluno/professor são comuns e decorrentes de fatores diversos. Nas relações de sala de aula, é imprescindível identificar os fatores que agem como “combustíveis” dos conflitos, a fim de permitir sua análise e suas possibilidades de solução. Portanto, o desafio é buscar o equilíbrio entre a razão e a emoção para que possa contribuir na articulação entre o ensino e a aprendizagem.

Vygotsky (citado por Oliveira, 1992) defende que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui necessidades, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento, e assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se comprehende sua base afetiva.

Wallon e Vygotsky têm muitos pontos em comum, em se tratando de afetividade. Ambos assumem seu caráter social e têm uma abordagem de desenvolvimento para ela, demonstrando, cada um à sua maneira, que as manifestações emocionais de caráter orgânico, vão ganhando complexidade, passando a atuar no universo simbólico, e assim ampliam-se as formas de manifestações, constituindo os fenômenos afetivos. Da mesma forma, defendem a íntima relação que há entre o ambiente cultural/social e os processos afetivos e cognitivos, além de afirmarem que ambos inter-relacionam-se e influenciam-se mutuamente.

No estreito entrelaçamento entre afetividade e cognição, as conquistas do plano afetivo são utilizadas no plano cognitivo, e o inverso também acontece.

A escola vai além do desenvolvimento de um processo instrutivo, sua responsabilidade é imensa, o encaminhamento às questões pedagógicas e não-pedagógicas

que surgem no cotidiano escolar, principalmente na sala de aula, tem importante significado na construção de seus conceitos e concepções. O desafio de enfrentar os problemas decorrentes das diferenças e da pluralidade cultural, social, étnica, entre outras, é cada vez maior no processo educativo.

Embora a escola seja um local onde o compromisso maior que se estabelece é com o processo de transmissão/produção do conhecimento, pode-se afirmar que as “relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente” (Almeida, 1999).

1.2 O professor e a inclusão

Para que se compreenda a importância de ser educador, a missão que o educador tem de orientar o educando para a vida em sociedade. O professor que tem disponibilidade de estar com o aluno, atualiza suas próprias potencialidades, permitindo que tanto ele, quanto o aluno, cresçam e se humanizem nesta relação.

Segundo Alves (1986), é função do professor ajudar seu educando a tornar-se um sujeito social e reflexivo perante as leis e decisões que são apresentadas, para que possam se posicionar e criticar, buscando o aperfeiçoamento da sociedade.

A partir do respeito e da confiança mútua, se consegue que as pessoas aprendam a se motivar e a descobrir seu efetivo interesse na aprendizagem.

A preocupação em motivar os alunos para a aprendizagem é um ponto em comum entre os professores. É um processo em que o despertar o interesse para aprender se reveste de forte conotação afetiva, expresso em clima de cumplicidade, requerendo uma passagem do plano afetivo para o cognitivo (Moyses, 1994).

A escola, tanto quanto a família, tem seu papel no desenvolvimento, e a relação professor-aluno, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento. Os conflitos que podem surgir dessa relação desigual exercem importante papel na personalidade das pessoas. E

desse modo, o professor, como parceiro responsável pela administração dos conflitos, revela-se como alguém potencialmente necessário na trajetória de delimitação do eu (Almeida, 2009).

Martinez (2006) ressalta a importância da criatividade no trabalho pedagógico, desde a formulação dos objetivos de aprendizagem até o sistema de avaliação e as formas de se relacionar com os alunos que interferem no desenvolvimento e avanços na aprendizagem. Mudanças sistêmicas no trabalho pedagógico podem contribuir para um bom relacionamento dos envolvidos com o desenvolvimento do aluno, ressaltando a necessidade de se considerar o aluno como sujeitos singulares, reconhecendo a diversidade presente em sala de aula e a exigência de uma ação diversificada nas situações de aprendizagem.

Através de uma aproximação agradável utilizando as mesmas linguagens que nossos alunos usam, pode-se despertar seus interesses e assim possibilitar a integração.

Adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornecer meios para que realize suas atividades confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às suas dificuldades e problemas, são maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva. Dantas (1992) refere-se a essas formas de interação como “cognitivização” da afetividade. Falar da capacidade do aluno, elogiar o seu trabalho, reconhecer o seu esforço, constituem formas cognitivas de vinculação afetiva.

Para Leite e Tassoni (2002), as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação além de compreensão, aceitação e valorização do outro, tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua auto-imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.

Se a auto-estima do aluno é a confiança que ele tem em sua capacidade de lidar com desafios básicos da vida, um deles consiste no relacionamento com os outros seres humanos. Isto significa relacionar-se de tal forma que suas interações sejam experimentadas como positivas, tanto por eles como pelas outras pessoas. Podendo afirmar então que, o que os alunos precisam, dos professores para desenvolver a auto-estima, é

respeito, motivação positiva, além de adquirir conhecimentos essenciais e desenvolver habilidades vitais.

Percebe-se que a afetividade está presente em todas as principais decisões de ensino assumidas pelo professor, constituindo-se como fator fundamental das relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares. Pesquisas recentes têm apontado que, em histórias de sucesso entre sujeitos e objetos de conhecimento, geralmente identificam-se mediadores que desenvolveram uma mediação afetiva, com resultados também profundamente afetivos.

Para Morgado (2007), educar é exercer influência sobre o desenvolvimento do indivíduo, preparando-o para a vida num determinado contexto social. Para que a aprendizagem provoque uma efetiva mudança de comportamento e amplie cada vez mais o potencial do educando, é necessário que ele perceba a relação entre o que está aprendendo e a sua vida. O aluno precisa ser capaz de reconhecer as situações em que aplicará o novo conhecimento ou habilidade.

A inclusão nos é dada como a troca de experiências entre as pessoas. A tarefa do professor é saber lidar com as diferenças, é tentar retirar o aluno da sua auto-relação e levá-la a uma relação com o outro. Os outros alunos ajudam a integração e desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Maria Teresa Mantoan (2003) sugere uma inclusão como uma inovação na escola, uma forma de repensar suas bases, fazendo com que os professores tomem novos posicionamentos e aperfeiçoem suas práticas.

A inclusão implica em aceitar todos os alunos como pessoas, como seres humanos únicos e diferentes entre si. As diferenças individuais existem entre todos nós, e não se justifica classificar grupos de pessoas como sendo especiais e segregá-las na escola e em outros ambientes da vida (Mantoan, 2003).

Inclusão é a possibilidade das pessoas conviverem no espaço escolar, mesmo sendo diferentes entre si, de reconhecer o outro como tendo capacidade de se desenvolver. Jamais haverá inclusão se a sociedade se sentir no direito de escolher quais poderão ser incluídos.

Para Mantoan (2003; 2006), a inclusão “é a capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós”.

Se ensinar é saber suportar as diferenças, é principalmente valorizar a capacidade do aluno de mostrar suas qualidades, respeitando seus diferentes limites e possibilidades. A relação aluno-professor deve ser uma relação de fé, colaboração e apoio mútuo para o desenvolvimento de cada um.

O princípio fundamental da educação inclusiva é a valorização da diversidade e da comunidade humana. Quando a educação inclusiva é totalmente abraçada, nós abandonamos a idéia de que as crianças devam se tornar normais para contribuir para o mundo.

É preciso que haja uma transformação no sistema de ensino para o processo de inclusão escolar, visando beneficiar toda e qualquer pessoa, levando em conta a especificidade do sujeito e não mais suas deficiências e limitações (SISTO, OLIVEIRA, FINI, 2004).

As mudanças são fundamentais para a inclusão, mas exige esforço de todos possibilitando que a escola possa ser vista como um ambiente de construção de conhecimento, deixando de existir a discriminação de idade e capacidade. Para isso, a educação deverá ter um caráter amplo e complexo, favorecendo a construção ao longo da vida, e todo aluno, independente das dificuldades, poderá beneficiar-se dos programas educacionais, desde que sejam dadas as oportunidades adequadas para o desenvolvimento de suas potencialidades. Isso exige do professor uma mudança de postura, além de redefinição de papéis, que possa assim favorecer o processo de inclusão.

Desta forma, ao se valorizar a proposta de ensino mais humanizado e ético, podemos contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e uma sociedade mais justa.

1.3. Papel da família

A participação da família é cada vez mais importante nos rumos da educação. Quando uma criança chega à escola já traz vários conhecimentos e conceitos, adquiridos na família.

Para Voivodic (2005)

“a família se constitui o primeiro grupo social da criança, e é através do relacionamento familiar que a criança viverá a primeira inserção no mundo. É no seio da família que a criança terá suas primeiras experiências, sendo, portanto esta a unidade básica de crescimento do ser humano e sua primeira matriz de aprendizagem”(p.81).

A família conduz a criança ao mundo e à sociedade, sendo praticamente insubstituível o seu papel, na vida de um ser humano. Seu papel é fundamental para o desenvolvimento de qualquer pessoa. A maneira como a família encara a dificuldade que tem pela frente, pelo fato de ter um filho com necessidades educacionais especiais, é determinante para o futuro da criança.

Segundo Voivodic (2005), “os primeiros anos de vida de uma criança constituem um período crítico em seu desenvolvimento social, emocional, cognitivo, e o papel que a família desempenha nesse período, é de fundamental importância”. Isto deixa claro que, a relação que a criança tem com sua família é de suma importância para seu desenvolvimento, em cada aspecto e no geral.

Quando chega o momento, da criança ir para escola há toda uma preparação, pois, é a primeira grande participação dela na sociedade. E quando ela tem necessidades especiais, é fundamental que se entenda como o processo de aceitação ou negação desse direito dentro da família é encarado. Pois, é na família que encontramos o apoio, a sustentação, o afeto, as normas e valores que são necessários para o bem de todas as pessoas, e a importância da família fica ainda maior quando os filhos apresentam necessidades especiais.

Essas crianças, como as demais, precisam de cuidados especiais indispensáveis para o seu desenvolvimento, pois é com a família que a criança inicia seu relacionamento, cresce se desenvolve e aprende a se relacionar com o mundo que a cerca.

Para Rodrigues (2000), à medida que os pais enxergam o filho, além da sua deficiência, vão se surpreendendo com as conquistas e avanços que eles têm, os quais favorecem o seu processo de construção do conhecimento e a sua inclusão social.

Na Declaração de Salamanca (1994) há uma observação no item 56, que a educação bem sucedida não é tarefa somente das escolas e órgãos governamentais. Também é responsabilidade dos pais, que devem agir em cooperação com a escola. A atitude positiva dos pais é um fator preponderante para o sucesso da inclusão de seus filhos na sociedade e na escola. É tarefa da família buscar aquilo que é o melhor para os seus membros. Para tanto é preciso que os pais estejam bem informados de seus direitos.

Ferreira & Ferreira (2004) afirmam que há indícios de que algumas situações educacionais de superação de dificuldades na escolarização têm sido devido à participação da família. Essa participação pode se dar pela maneira como ela estabelece expectativas em relação ao desenvolvimento da criança, e não propriamente pela sua ação direta nas suas atividades educacionais.

É necessário que as escolas e o sistema educacional busquem a integração dos pais na vida escolar de seus filhos. Eles têm, sobre seus filhos, um conhecimento acumulado, que pode ser muito útil para a elaboração de estratégias da aprendizagem dessas crianças.

A família é o espaço privilegiado para iniciar a inclusão da pessoa com deficiência, pois nela há um ingrediente que, muitas vezes, falta na sociedade, que é o afeto.

Santos (1999), diz que o papel da família tem merecido um enfoque especial no sentido de ser parceria vital para a integração, tanto social quanto educacional, das pessoas com necessidades especiais.

As famílias de crianças com necessidades educacionais especiais enfrentam, em seu dia a dia, uma infinidade de desafios que precisam ser superados, desde a própria luta interna para superar a frustração inicial, até o enfrentamento dos preconceitos que a

sociedade impõe. É preciso que a família esteja bem estruturada psicologicamente, para vencê-los.

Existem muitas formas de participação da família na educação dos filhos, como acompanhamento em casa das tarefas escolares, conversar regularmente com a professora da criança, participar dos eventos promovidos pela escola, dentre outros. A escola pode aproveitar, principalmente, a experiência e conhecimento que a família, de modo especial, os pais têm das crianças.

A escola e a família devem estar em sintonia, para nessa convivência, passar conceitos, que gradativamente, podem alterar a forma de relacionamento dos pais com os filhos.

Segundo Gil (2005), a participação da família e da comunidade contribuirá para fortalecer e multiplicar ações inclusivas. A mesma autora recomenda que a escola mantenha um canal de diálogo com a família, trazendo-a para atividades escolares e reuniões. Isso ajuda a construir um clima de confiança que facilitará aos pais manifestarem suas dúvidas sobre a escolarização de seus filhos.

É importante desenvolver um trabalho conjunto da escola com a família, envolvendo todos que desenvolvem atividades na escola. A parceria deve ser utilizada em todos os momentos, tanto nas boas experiências, quanto em situações ruins. É preciso, portanto que nós, professores, aprendamos a celebrar as conquistas que os alunos alcançam, compartilhando com a família.

II – OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral:

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a importância da afetividade na relação professor-aluno para o processo ensino aprendizagem em um ambiente de inclusão.

2.2 Objetivos Específicos:

- Descrever e analisar como ocorre a interação entre professor-aluno e aluno-aluno com enfoque na afetividade.
- Identificar as dificuldades na relação professor- aluno especiais que envolve a questão da afetividade com a aprendizagem.
- Discutir a postura do professor diante de dificuldades no relacionamento com alunos inclusivos.
- Identificar e analisar a importância da afetividade para professores, alunos especiais e administração escolar.
- Valorizar a atividade do docente como um ato de amor e competência.

III- METODOLOGIA

3.1. Fundamentação Teórica da Metodologia

O projeto de pesquisa tem como foco analisar a importância da afetividade no desenvolvimento e na aprendizagem do aluno inclusivo, elucidando as idéias existentes sobre o conceito de afetividade na escola. A pesquisa será feita através de bibliografias que estejam contextualizando o cognitivo, a afetividade e a aprendizagem. Pretendo contribuir com alguns aspectos para análise da relação estabelecida entre a afetividade e a aprendizagem de alunos com e sem Necessidades Educacionais Especiais (NEE).

Com o reconhecimento da complexidade dessa relação, buscarei desenvolver uma pesquisa que busque analisar a importância e o significado desse tipo de interação para o sucesso da aprendizagem e consequentemente sua inclusão.

Serão realizadas observações no espaço educativo, experiências vivenciadas em sala de aula, coleta de depoimentos de educadores e alunos, com o intuito de refletir como a ausência da empatia, a indiferença e a carência afetiva, podem interferir na aprendizagem.

3.2. Contexto da Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em uma escola estadual da periferia da cidade de Itapetininga-SP, que atende às famílias de baixa renda e com problemas de estrutura familiar.

Os alunos foram selecionados juntamente com a Direção da Escola e a Professora da sala, levando-se em conta as dificuldades dos alunos e a acessibilidade à família dos mesmos, para que a pesquisa pudesse ser concluída, pois segundo a professora, alguns responsáveis não eram efetivamente participativos da vida escolar de seu filho, o que dificultaria a realização e conclusão da pesquisa. A coleta dos dados será realizada através da aplicação de um questionário, visando obter respostas às questões propostas sobre a

influência da afetividade, no sucesso da aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais.

3.3. Participantes

Participaram da pesquisa três alunos, duas mães e três professores de ensino fundamental de uma Escola Estadual que recebe alunos inclusivos.

3.4. Materiais

Para construção, organização e análise das informações que nortearam esta pesquisa, foram utilizados como materiais: a) canetas, b) lápis, c) folhas de papel sulfites e d) computador.

3.5. Instrumentos de Construção de Dados

Para construção, organização e análise das informações que nortearam a pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos: questionário para os professores; questionário para os alunos; questionário para os pais e roteiro para análise dos dados.

Os questionários para os professores, alunos e pais, foram elaborados de maneira mais objetiva possível. Procurei organizar perguntas, onde eles pudessem responder objetivamente, em sua maioria, visando facilitar a coleta de dados, deixando apenas algumas questões abertas para os questionamentos mais complexos. Esses instrumentos fazem parte do material anexo da pesquisa.

No questionário dos professores, foram realizadas perguntas quanto à interação com alunos inclusivos: porquê da existência da distância na relação professor-aluno; como agir autônoma e afetivamente, respeitando a individualidade de cada um; como estabelecer um vínculo afetivo com o aluno; quais os pontos favoráveis da interação afetiva entre

professor-aluno diante da aprendizagem e desenvolvimento; o que o professor pode fazer para facilitar essa relação; quais as possíveis consequências da presença ou ausência da afetividade nessa relação, entre outras. Perguntas pertinentes à pesquisa compuseram o questionários dos alunos, como: o que significa afetividade; qual a importância da afetividade na aprendizagem; como o aluno pode favorecer a relação afetiva com o professor; o que ele espera do professor na convivência diária, entre outras. E com os outros envolvidos, direta ou indiretamente, foram feitas perguntas de acordo com a área de atuação.

3.6. Procedimentos de Construção de Dados

A natureza do problema de pesquisa me levou a ouvir os participantes, realizando uma entrevista para coleta de dados, a fim de obter informações capazes de enriquecer a temática observada.

A escola foi selecionada, por apresentar um projeto pedagógico que visa a integração dos alunos que apresentam algum tipo de limitação.

Os dados foram coletados nos meses de novembro e dezembro de 2010, com alunos do ensino fundamental, em uma escola estadual do interior de São Paulo. Foram entrevistados três alunos, três professores e dois pais.

As entrevistas foram realizadas numa sala de aula da escola, no mesmo período em que estudam os alunos e tiveram duração média de trinta minutos. Antes de iniciá-las, explicava aos participantes, o que iríamos fazer, expondo-lhes meus objetivos de forma que pudessem entendê-los. Depois de explicitados os objetivos da pesquisa, pediu aos participantes que assinassem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido para registrar a concordância destes para participar da pesquisa.

Ainda nesse momento preliminar às entrevistas, estabelecemos alguns combinados, como não ter receio de responder, responder com toda sinceridade e clareza, entre outros.

Segundo o roteiro das perguntas, inicialmente foram feitas perguntas objetivas, seguidas de questões mais abrangentes, com o objetivo de deixá-los falarem o que quisessem abertamente.

Durante as entrevistas, foi de fundamental importância, a atenção aos outros sinais de expressão corporal, além da linguagem articulada. Ficar atenta a esses aspectos foi essencial nesse processo de coleta de dados.

3.7. Procedimentos de Análise de Dados

Querer conhecer os sentimentos de professores, alunos, pais e demais envolvidos com a educação e inclusão no Ensino Fundamental a partir de seus próprios relatos, impele-nos a conhecer também as situações e sentimentos vividos por eles na escola. Por meio da análise desses sentimentos e situações provocadoras que será possível realizar as considerações deste estudo.

A transcrição das entrevistas foi fundamental para o processo de análise dos dados, pois me permitiu as variadas entonações das vozes, bem como relembrar os gestos e expressões faciais de cada um durante o processo. Registrar essas manifestações possibilitou enriquecer ainda mais, as informações acerca dos sentimentos dos envolvidos e das situações provocadoras.

Em seguida, teve início um trabalho de releitura minuciosa de cada uma delas, que permitiu a interpretação de palavras e expressões ainda não percebidas em leituras anteriores.

No trabalho de leitura e releitura de cada entrevista, foram ressaltados inicialmente, os sentimentos nomeados por cada um dos participantes e identificadas suas situações provocadoras, com anotações das mesmas. Verificou-se as divergências e os pontos convergentes em cada resposta dos entrevistados.

Buscou-se também captar os sentimentos escondidos por trás de gestos, entonação de voz e expressões faciais dos participantes. Foram identificados sentimentos provocados por situações relacionadas à professora e seu desempenho. Suas características pessoais, seu modo de se relacionar com os alunos, provocam sentimentos que interferem no processo ensino-aprendizagem, com repercussão na percepção que os alunos tem dos conteúdos, da escola, de si mesmos e da relação com o outro. Bem como, foram apreendidos os sentimentos e expectativas dos familiares expressos em relação às situações vividas pelo filho no ambiente escolar, com os professores e colegas, diante da sua

aceitação, integração, aprendizagem e desenvolvimento do filho. Questões relativas às expectativas e sentimentos dos professores, diante do trabalho inclusivo a ser desenvolvido, como a importância da presença da afetividade na relação professor-aluno, com o objetivo de realizar um trabalho que favoreça a sua integração e desenvolvimento também foram verificados nos relatos dos entrevistados.

IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados estão explanados da seguinte maneira: primeiramente, apresentam-se os dados sócio-demográficos dos participantes; em seguida, descrevem-se e analisam-se as entrevistas com os professores, alunos e familiares. De forma geral, puderam-se identificar os sentimentos e expectativas destes participantes tanto diante da inclusão, como da importância da afetividade para concretização desta.

4.1. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES:

4.1.1. Professores

Foram entrevistados três professores, sendo eles apresentados a seguir, utilizando-se nomes fictícios para preservação de suas identidades:

a) Amanda, 47 anos, 25 anos de carreira no magistério público, dos quais os últimos dezesseis anos em uma mesma escola. Graduou-se em Educação Artística, na Faculdade Belas Artes de São Paulo. Participou de vários cursos de formação oferecidos pela Rede Estadual de Ensino e atualmente está fazendo um curso de especialização à distância, na sua área de atuação.

b) Beatriz, 52 anos, 27 anos de carreira no magistério público, sempre na rede estadual de ensino, dos quais 21 na mesma escola. Formada em Pedagogia, fez várias capacitações oferecidas pelo governo e nos últimos anos trabalhou com alunos da classe especial e está próximo de se aposentar.

c) Cássia, 41 anos, 18 anos de carreira no magistério público, graduada em Educação Física e Pedagogia, fez capacitações oferecidas pelo governo e ministra aulas para o ciclo I e II do Ensino Fundamental.

4.1.2. Alunos

Foram entrevistados, ainda, três alunos. Utilizando-se de nomes também fictícios, as características de cada aluno são apresentadas a seguir:

- a) Álvaro, 12 anos, aluno do 5º ano, desde o 1º ano estuda na mesma escola, gosta muito de estudar nesta escola. Mora com a mãe e um irmão mais velho que têm 19 anos que trabalha para ajudar a mãe que é diarista. O laudo apresentado na escola relata que o aluno tem deficiência mental.
- b) Bruno, 14 anos, é aluno da classe especial, estuda nesta escola desde o 3º ano e gosta muito de estudar nesta escola. Mora com os pais e com mais seis irmãos, o pai está empregado e a mãe é diarista, mas está sem trabalhar, para cuidar melhor dos filhos. Ele também apresenta o mesmo laudo de deficiência mental.
- c) Camila, 11 anos, é aluna do 4º ano, estuda nesta escola desde o 1º ano e gosta muito da escola, das amigas e dos professores. Ela é irmã do aluno Bruno e todos os dias, vai e volta da escola com ele. Há suspeita de que esta aluna tenha deficiência mental, pois apresenta comportamento que não condiz com a idade e ainda não está alfabetizada. Foi encaminhada para avaliação médica e psicológica.

4.1.3. Familiares dos alunos

Por fim, foram entrevistados dois familiares de alunos inclusivos. A seguir informações sobre cada um deles. Os mesmos foram, também, nomeados com nomes fictícios:

- a) Antônia, 43 anos, casada há 23 anos, têm sete filhos sendo que três deles receberam um laudo de deficiente mental, gosta de levar o filho para a escola, pois ambos se sentem bem acolhidos.
- b) Bela, 34 anos, separada do marido há quase dez anos, têm apenas um filho, mora com os pais que a ajudam muito, pois cuidam de seu filho quando ele não está na escola para que ela possa trabalhar. Acha muito importante o filho gostar da escola, dos colegas e da professora.

4.2. ENTREVISTA COM OS PROFESSORES:

Abaixo são descritos e discutidos os resultados provenientes das entrevistas com os professores.

4.2.1. Entendimento sobre afetividade

Quando questionados sobre o que os professores entendiam sobre afetividade, os professores apontaram aspectos relacionados à afetividade como empatia, contato, amor, acolhimento e criação de vínculos. Por exemplo, temos o relato da professora Amanda: “é um sentimento de empatia com o outro, de prestar atenção em seu bem estar, de tomar decisões e agir em favor do outro”. Já a professora Beatriz relatou “é um sentimento por alguém, que devido ao contato só tende a crescer, aumentando a amizade e o amor pelo outro”. Por último, a professora Cássia respondeu: “acolher o outro, fazer com que ele sinta que é importante e que ele encontra um suporte e consegue criar um vínculo, estabelecendo uma relação de confiança”.

O pesquisador Wallon (1975), defende a importância da afetividade por este ser uma dos primeiros e principais sentimentos sentidos no início da vida, um recém-nascido, por exemplo, antes de conhecer e descobrir o mundo físico já possui a necessidade de afetividade e esta o acompanhará pelo resto da vida.

4.2.2. Dificuldades no processo de inclusão

Quando foi solicitado que, as professoras relatassem aspectos que considerariam difíceis no processo de inclusão, obteve-se respostas diferenciadas entre as três participantes. A professora Amanda apontou que a dificuldade é conseguir concretizar efetivamente a inclusão: “realizar um trabalho diferenciado que o aluno necessita e ao mesmo tempo integrá-lo ao restante da turma”. Já para a professora Beatriz o difícil é fazer ocorrer a aceitação dos alunos inclusivos: “a aceitação, pois o estigma fica no aluno e é

muito difícil romper essa barreira. Entretanto outro aspecto apontado pela professora Cássia que dificulta o processo de inclusão se deve a falta de preparação e capacitação dos professores: “falta de preparo dos professores, para que ele saiba como lidar com as limitações”.

Pelo relato das entrevistadas, pode-se perceber que as professoras estão cientes do que seria considerado como inclusão, embora afirmem a dificuldade de conseguir colocar em prática a inclusão efetiva de seus alunos com NEE, seja por que os outros alunos não aceitam completamente a participação destes alunos na escola, seja pela falta de preparo dos próprios professores.

Não se justifica classificar grupos de pessoas como sendo especiais e segregá-las na escola e em outros ambientes da vida, pois a inclusão implica na aceitação de todos os alunos como pessoas, como seres humanos únicos e diferentes entre si. Essas diferenças individuais existem entre todos nós e continuarão a existir (Mantoan, 2003).

4.2.3. A afetividade e a inclusão

No que tange ao favorecimento ou não da afetividade na inclusão, as entrevistadas tiveram a mesma opinião, pois afirmaram que a afetividade contribui para a inclusão. A professora Amanda afirmou: “a afetividade faz com que o próprio aluno seja mais engajado em seu progresso, aprofunda o reconhecimento das suas necessidades e conquistas, maior adesão às atividades propostas”, para a professora Beatriz a afetividade ajuda: “na acolhida, auto-estima, para que o aluno sinta-se querido e protegido e a professora Cássia ressaltou que a afetividade ajuda a inclusão “através da relação estabelecida entre o professor/aluno, aluno/aluno, da família com a escola e o professor”.

Pelos relatos das entrevistadas a afetividade auxilia e até impulsiona o processo de inclusão, tanto pela ótica das relações dos alunos com os alunos, quanto na relação do professor com os alunos, possibilitando com que o próprio aluno incluído se sinta mais aceito e tenha um desenvolvimento mais rápido.

De acordo com Tassoni (2000), como toda aprendizagem ocorre a partir de interações sociais, num processo vincular, esta está impregnada de afetividade. Pensando,

especificamente, na aprendizagem escolar, a relação entre professores, alunos, conteúdos escolares, entre outros, não acontece só no campo cognitivo, mas também no afetivo.

4.2.4. A família auxiliando no processo de inclusão

Quando perguntadas sobre como a família pode auxiliar no processo de inclusão, as professoras tiveram a mesma opinião, que a família auxilia quando esta participa de forma efetiva nas atividades da escola, a professora Amanda, disse: “comparecendo à escola para informar-se sobre os progressos e necessidades do aluno e informar a escola, sobre aspectos do dia a dia do aluno”, a professora Beatriz, por sua vez, afirmou: “participar efetivamente da vida escolar do filho e fazer valer seus direitos” e a professora Cássia reforçou que seria “participando ativamente da vida escolar do filho”.

Pelo que se pode perceber, a afetividade é reconhecida pelas professoras como algo importante para ajudar ao processo de inclusão, assim como a participação da família na escola. Estes dois aspectos auxiliam a lidar com as dificuldades também apresentadas pelas professoras para concretizar o processo de inclusão uma vez que quanto mais afetividade se tenha nas relações estabelecidas entre professores, alunos e familiares, mais o aluno consegue se desenvolver bem e conseguimos também diminuir o preconceito existente. Além disso, a falta de capacitação dos professores foi um aspecto trazido como dificultador para uma efetiva inclusão dos alunos especiais.

A escola, tanto quanto a família, têm seu papel no desenvolvimento, e a relação professor-aluno, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento. Os conflitos que podem surgir dessa relação desigual exercem importante papel na personalidade das pessoas. E desse modo, o professor, como parceiro responsável pela administração dos conflitos, revela-se como alguém potencialmente necessário na trajetória de delimitação do eu (Almeida, 1999).

4. 3. ENTREVISTA COM OS ALUNOS:

A seguir, são descritos e discutidos os resultados encontrados nas entrevistas com os alunos.

4.3.1. A afetividade e as atividades escolares

Os alunos foram questionados sobre o quanto eles achavam que o fato deles gostarem ou não do professor, poderia ajudar ou atrapalhar suas tarefas na escola. Os três alunos concordaram afirmando que se há uma afetividade entre eles e os professores, as atividades se tornam mais fáceis e proveitosa. O aluno Álvaro afirmou “sim, se eu não gostar do professor não vou ter vontade de fazer o que ele pede e nem de ir para escola”, já o aluno Bruno, disse: “quando o professor é legal, ele ajuda a matéria ficar legal também e eu presto mais atenção, e a aluna Camila respondeu que “quando a gente gosta do professor, parece que fica tudo mais fácil e a gente aprende mais”.

Com esta questão ficou claro que os alunos concordam com os pais e professores e reconhecem a importância da afetividade para ajudá-los a desenvolver melhor as atividades escolares, assimilar mais o conteúdo e ter uma maior frequência nas aulas.

A questão da afetividade no cotidiano escolar se apóia na teoria do desenvolvimento de Wallon (1975). Em todos os níveis de desenvolvimento, a integração cognitiva e afetiva é necessária, pois ao aceitar essa integração, o professor amplia sua visão e tem melhores elementos para identificar suas necessidades e as do aluno. A cognição e a afetividade são dimensões inseparáveis do processo ensino-aprendizagem e na inclusão.

4.3.2. Afetividade para com os professores, colegas e escola no auxílio às atividades escolares

Em seguida, perguntou-se de forma mais ampla se o fato do aluno gostar do professor, dos colegas e da escola, pode favorecer a sua aprendizagem e a sua participação das atividades escolares, pedindo ainda, que ele comenta-se sobre sua resposta. Novamente os três alunos apresentaram respostas semelhantes, o aluno Álvaro, ressaltou que “quando a gente gosta do professor e dos colegas eu me sinto mais à vontade para tirar dúvidas e

participar da aula, os meus colegas e o professor sempre me ajudam. Gostando da escola tem mais vontade de ir a aula”, por sua vez, a resposta do aluno Bruno evidenciou que “quando o professor, a escola e os colegas são legais dá mais vontade de ir para aula, a gente se sente bem lá, concordando com ele a aluna Camila relata que “quando a gente sente que tem amigos e que o professor gosta da gente, não dá vergonha de fazer pergunta e dá mais vontade de ir para a escola”.

Para Leite e Tassoni (2002), as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação além de compreensão, aceitação e valorização do outro, tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua auto-imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.

4.3.3. A família na vida escolar do aluno

Os alunos foram indagados a respeito do quanto eles consideram importante a participação da família na sua vida escolar. Todos os três alunos afirmaram que gostam quando sua família tem boa relação com a escola e se interessam sobre as atividades que eles realizam lá. O Álvaro respondeu “sim, eu gosto quando meus pais se interessam pelo o que acontece na escola”, o aluno Bruno relatou “sim, eu não gosto quando minha mãe fica muito tempo sem perguntar sobre as coisas da escola” e a Camila afirmou que “sempre entrego os recados da escola e eu gosto de ver minha mãe conversando com a minha professora”.

De forma geral, percebe-se no relato dos alunos que eles gostam e acham importante que exista afetividade entre eles e os professores, assim como ficam felizes quando sua família se interessa por suas atividades escolares e tem boa relação também com os professores e a escola de forma geral.

Para Rodrigues (2000), à medida que os pais enxergam o filho, além da sua deficiência, vão se surpreendendo com as conquistas e avanços que eles têm, os quais favorecem o processo de construção do conhecimento e a sua inclusão social. Concordando

com isto, Santos (1999), diz que o papel da família tem merecido um enfoque especial no sentido de ser parceria vital para a integração tanto social quanto educacional das pessoas com necessidades especiais.

4.4. ENTREVISTA COM AS MÃES DOS ALUNOS:

Mais adiante, são descritos e discutidos os resultados encontrados nas entrevistas com os pais dos alunos inclusivos.

4.4.1. A escola e a inclusão

Os pais foram questionados sobre o quanto a escola poderia auxiliar no processo de inclusão. A mãe Antônia relatou que a escola deve conscientizar os professores e outros alunos a aceitar as limitações dos alunos inclusivos, ela diz “conversando com os professores e alunos, para que eles entendam e aceitem sua limitação, sendo amigo dele, ajudando sempre que possível”. Para a mãe Bela, a escola deve possibilitar que os alunos inclusivos participem de todas as atividades e para isso ela reforça que se deve “conversar com todos, para que ele possa participar das atividades junto com os colegas da melhor maneira possível”.

Segundo Freire citado por Achkar (2003), educar envolve a compreensão de sentimentos, das emoções, num processo intuitivo de afeto, e devemos acreditar nessa intuição para poder nos abrir ao novo.

4.4.2. Dificuldades no processo de inclusão

Em relação a que dificuldades as mães percebem para ocorrer o processo de inclusão, a opinião das mães se dividem na não aceitação por parte de alguns alunos, do aluno inclusivo ser diferente e no fato dos professores não darem a devida atenção a este aluno. A mãe Antônia afirma: “alguns alunos não aceitarem o fato dele ser diferente e algumas brincadeiras que às vezes acontece” e a mãe Bela relata que “quando algum

professor ou colega não dá a atenção que ele precisa, para que ele consiga participar da atividade e se sentir bem na escola”.

Diante desta resposta e da questão anterior, percebe-se com os relatos das mães, que suas maiores preocupações giram em torno da possibilidade de fazer seus filhos serem aceitos pela escola, pelos professores e pelos colegas. Assim como, para estas mães a dificuldade maior é esta aceitação, sendo esta a função principal da escola. As mães desconhecem que as funções da escola diante do processo de inclusão são bem maiores e mais amplas.

Na teoria de Wallon (1975), o meio físico e social em que a criança vive é muito importante, exercendo uma grande influência no desenvolvimento da mesma. Nas relações humanas, os estímulos cognitivos e afetivos são extremamente importantes no desenvolvimento do indivíduo. Todo trabalho desenvolvido pelo professor na escola depende do envolvimento afetivo, contribuindo efetivamente para o desenvolvimento e inclusão dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais. Desta forma, o aspecto afetivo possui importância antes de qualquer tipo de comportamento (Almeida, 2009).

4.4.3. A afetividade e a inclusão

No que tange ao quanto a afetividade pode favorecer a inclusão, as duas mães concordaram na importância do afeto para que os alunos se sintam bem, aceitos por todos e consigam desenvolver bem suas tarefas. A mãe Antônia, ressalta que “quando a pessoa sente que é aceita pelos outros, ela se sente bem naquele lugar e tem vontade de participar de tudo”, a mãe Bela evidencia ainda mais que “quando meu filho percebe que o professor e os colegas gostam dele, ele não quer faltar à aula e se esforça para fazer as atividades”.

Pelos relatos evidencia-se de forma geral que a opinião das mães corroboram com a idéia trazidas pelos professores e a opinião dos alunos, pois elas acharam que a afetividade é um aspecto importante para a inclusão e que a escola deve ajudar aos professores e alunos aceitarem a limitação dos alunos inclusivos e auxiliá-los nas tarefas de forma compatível com a situação de cada um favorecendo assim o desempenho destes nas atividades escolares.

A afetividade constitui um domínio tão importante quanto a inteligência para o desenvolvimento humano. Ela inclui os sentimentos que são estados subjetivos mais duradouros e menos orgânicos que as emoções das quais se diferenciam nitidamente. As emoções, uma das formas de afetividade, são verdadeiras síndromes: cólera, medo, tristeza, alegria, timidez. A afetividade, com este sentido abrangente, evolui ao longo da psicogênese, uma vez que incorpora as conquistas realizadas no plano da inteligência (Almeida, 1999).

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o término desta pesquisa foi possível concluir que o papel da afetividade é um fator de suma importância para o desenvolvimento sociocultural, afetivo e cognitivo do ser humano.

Os participantes deste estudo revelaram em seus relatos, muitos sentimentos referentes às suas vivências no ambiente escolar, deixando evidente o que realmente sentem e necessitam na convivência com os outros.

Os sentimentos revelados mostram que os professores, os pais e os alunos valorizaram a afetividade como aspecto importante para facilitar a inclusão dos alunos com NEE. Os dados coletados evidenciam ainda a necessidade de refletir cada vez mais acerca da importância do papel do professor na construção do conhecimento pelo aluno, pois suas ações determinam os sentimentos expressos pelos alunos diante da aprendizagem. Os professores precisam lembrar sempre que são integrantes privilegiados do meio de seus alunos e ficar atento às responsabilidades inerentes a esse privilégio.

Há ainda a necessidade de refletir sobre a afetividade presente no processo ensino-aprendizagem, bem como a de estarmos sempre muito atentos ao que nossos alunos têm a dizer. Ouvir-los dizer sobre suas vivências e seus sentimentos na escola é um diferencial deste estudo, que mostrou que o aluno tem muito a comunicar e a informar, de forma autêntica e enriquecedora. A possibilidade de se expressarem de forma tão espontânea e verdadeira permitiu penetrar nesse universo afetivo e perceber o quanto a educação precisa aprender ou saber como lidar com ele.

Estar com os participantes desta pesquisa proporcionou-me imensa satisfação e me fez acreditar, que todos juntos podemos possibilitar grandes avanços na aprendizagem de nossos alunos.

Espero que os conhecimentos aqui produzidos possam melhorar o atendimento aos alunos com NEE, fazendo com que todos percebam como a afetividade por ajudar o processo de inclusão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula.** Campinas – SP: Papirus, 1999.
- ALMEIDA, Laurinda R.; MAHONEY, Abigail A. (orgs). **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon.** São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- ALVES, Rubens. **Conversas com quem gosta de ensinar.** São Paulo: Cortez, 1986.
- AQUINO, Julio Gropa. Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas. 7º edição. São Paulo: Summus, 1996.
- DANTAS, H. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vigotsky e Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial Ltda., 1992.
- FERREIRA, M. C.C.; FERREIRA, J. R. **Sobre inclusão, políticas públicas e práticas pedagógicas.** In: GÓES, M. C. R. ; LEPLANE. A. L. F. de. (Orgs). Políticas e práticas de educação inclusiva. Campinas-SP: Autores associados, 2004.
- GIL, M. Parcerias: família e recursos da comunidade. In: GIL, Marta (coord.). **Educação Inclusiva: O que o professor tem a ver com isso?** São Paulo: Imprensa Oficial, 2005, p. 67-68. Disponível em: <http://www.saci.org.br/pub/livro_educ_incl/redesaci_educ_incl.pdf>. Acesso em 11 dezembro de 2010.
- LEITE, S. A. S.; TASSONI, E. C. M. . **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor.** In: Azzi, Roberta e Sadalla, Ana Maria. (Org). Psicologia e formação docente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 113-141
- MARTINEZ, A.M.. **Criatividade no Trabalho Pedagógico e Criatividade na Aprendizagem. Uma Relação Necessária?** Em Tacca, Mª Carmem V.R., Aprendizagem e Trabalho Pedagógico, São Paulo: Alínea Ed, 2006.
- MANTOAN, M. T.; PRIETO, R.G. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Cotidiano Escolar).

MORGADO, E. **Relações entre professor-aluno para um melhor ensino aprendizagem das Ciências Agrárias.** REDVET – Ver. Eléctron vet., 8 (1), 2007.

MOYSÉS, L. M. **O Desafio de saber ensinar.** Campinas, São Paulo. Ed. Papirus, 1994

MUNIZ, C. S. **A influência da relação afetiva no processo de escolarização.** Panorama Acadêmico (UNEB), 2006.

OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky, em LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M. K. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1992.

PANIZZI, C. A. F. L. **A relação afetividade-aprendizagem no cotidiano da sala de aula: enfocando situações de conflito.** In: 27 Reunião da ANPED Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2004, Caxambu. Sociedade, Democracia e Educação: Qual Universidade/ Petrópolis: Vozes, 2004. p. 9-422

PEREIRA, M. M. – “Inclusão Escolar: Um Desafio Entre o Ideal e o Real”. Disponível em: <http://www.profala.com/arteducesp53.htm>

PIAGET, J.; INHELDER, B. A psicologia da criança. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

REVISTA Brasileira Crescimento e desenvolvimento Humano 14(3) 37-49 set. dez.2004

REVISTA Brasileira de Educação Especial volume 12, n 1 – 2006

REVISTA da ABPp – “A influência da relação afetiva no processo de escolarização” Disponível em: <http://www.abpp.com.br/artigos/54.htm>

RODRIGUES, R. Q. S. A família: Possibilidades, alternativas e dificuldades na inclusão da pessoa com Síndrome de Down. In: Congresso Brasileiro sobre Síndrome de Down, 3., 2000, Curitiba, Anais Eletrônicos. Curitiba: [s.n.], 2000. p. 188-196.

SANTOS, M. P. dos. **A família e o movimento pela inclusão**. In: Brasil, Ministério da Educação. Educação especial: tendências atuais. Brasília: MEC/SEED, 1999. p.73-79.

SISTO, F. F.; BORUCHOVITCH, E.; FINI, L. D. T.; BRENELLI, R. P.; MARTINELLI, S. C. (orgs), **Dificuldade de Aprendizagem no Contexto Psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SISTO, F.F.; OLIVEIRA, G. C., FINI, L. D. T. (orgs), **Leituras de Psicologia para formação de Professores**. Petrópolis: Vozes, 2004.

TASSONI, E. C. M. **A afetividade e aprendizagem: relação professor-aluno**. Universidade Estadual de Campinas- São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/2019t.PDF>> Acesso em 25 de dezembro de 2010.

UNESCO. Declaração de Salamanca e linha de ação: **Sobre necessidades educativas especiais**. Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais: Acesso e Qualidade. Salamanca, 7-10 de junho, 2004.

WALLON, H. (1975). Psicologia e Educação da Infância. Lisboa: Estampa.

VOIVODIC, M. A. M. A. Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome de Down. 3^a ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 173 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS

Nome: _____ Parentesco com o aluno _____

Você gosta da escola que seu filho freqüenta?

Sim () Não ()

E seu filho gosta de ir para escola?

Sim () Não ()

Seu filho se sente bem no ambiente escolar?

Sim () Não ()

Há alguma rejeição em relação aos colegas da classe ou de outras famílias?

Sim () Não ()

A inclusão, no caso do seu filho, está sendo feita?

Sim () Não ()

Desde que ele está freqüentando a escola, houve alguma mudança no seu comportamento?

Sim () Não () Qual? _____

É importante a participação dos pais em relação à afetividade do aluno na escola?

Sim () Não ()

Na sua opinião é necessário que seja desenvolvido um trabalho sobre afetividade na escola, buscando a participação dos pais no ambiente escolar?

Sim () Não ()

Você considera importante a parceria entre a escola e a família, para o desenvolvimento do Portadores de Necessidades Educacionais Especiais?

Sim () Não ()

Você acha que a escola pode ajudar no desenvolvimento afetivo e na inclusão do PNEE?

Sim () Não ()

O que você considera mais difícil no processo de inclusão?

Como a escola pode auxiliar no processo da inclusão?

Como a afetividade pode favorecer a inclusão?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

Nome _____ Idade _____

Série que atua _____ Faixa etária _____

Formação _____

Instituições de atuação: Municipal () Estadual () Particular ()

Há quanto tempo atua na Educação? _____

O que você entende por afetividade?

Na sua opinião, a afetividade interfere na aprendizagem do aluno?

Sim () Não ()

Você acha que os PNEE precisam de educadores (pais, professores) que lhes proporcionem a vivência da afetividade?

Sim () Não ()

Você considera importante a afetividade na sua prática educativa?

Sim () Não ()

Podemos dizer que a escola está preparada para trabalhar favoravelmente a afetividade nas dificuldades do aluno com NEE?

Sim () Não ()

Na sua opinião, a afetividade entre professor/aluno favorece a inclusão?

Sim () Não ()

E a relação afetiva entre aluno/aluno favorece a inclusão?

Sim () Não ()

Você considera importante a participação dos pais para que a inclusão aconteça?

Sim () Não ()

O que você considera mais difícil no processo da inclusão?

Como a família pode auxiliar no processo de inclusão?

Como a afetividade pode favorecer a inclusão?

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Nome _____ Idade _____ Sexo F() M() Série _____

Você gosta de ir para escola todos os dias?

Sim () Não ()

Você se sente bem no ambiente escolar?

Sim () Não ()

Comente _____

Você se relaciona bem com seus colegas da classe?

Sim () Não ()

E com seus professores, o relacionamento é bom?

Sim () Não ()

Você se sente incluído na escola?

Sim () Não ()

Na sua opinião, uma relação de se gostar e de amizade pode favorecer a sua aprendizagem?

Sim () Não ()

Você acha que o fato de você gostar ou não do professor pode ajudar ou atrapalhar suas tarefas na escola?

Sim () Não ()

Você considera importante a participação da sua família na sua vida escolar?

Comente

Para você gostar do professor, dos colegas e da escola, pode favorecer a sua aprendizagem e a sua participação das atividades escolares? Comente.

ANEXOS

ANEXO A – CARTA DE AUTORIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO

Carta de Autorização e Apresentação da Pesquisadora

Solicita-se a autorização para realização de uma pesquisa pela professora pesquisadora Ana Lúcia Pazini Bonfante, aluna do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão escolar da Universidade Aberta do Brasil, para realizar pesquisa em vossa instituição.

As atividades envolvem observação e entrevistas com professores, pais e alunos. As informações coletadas nesta pesquisa serão sigilosas, não revelando o nome da escola, nem dos participantes da pesquisa.

Informamos que a pesquisadora está sob a orientação da professora Msc. Lílian Meire de Oliveira Pinto.

Agradecemos desde já pela colaboração e compreensão no sentido de propiciar o intercâmbio entre a academia e as instituições de ensino de Itapetininga- SP.

Atenciosamente,

Itapetininga - SP, _____ de 2010.

Profª Diva Maria M. Albuquerque Maciel

Coordenadora do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão escolar

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS DOS ALUNOS

Prezada(o) Mãe (Pai),

Eu me chamo Ana Lúcia Pazini Bonfante e sou aluna do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão escolar pela Universidade Aberta do Brasil. No momento, estou estudando a contribuição da afetividade para o processo de inclusão.

Portanto, convido você a participar deste trabalho que tem a intenção de promover mais conhecimentos a fim de melhorar o processo de inclusão de forma geral. Para que isso seja alcançado, será necessário registrar em forma de anotações numa folha de papel, suas respostas diante da entrevista que farei com você. Estima-se que esta entrevista dure cerca de 30 minutos.

Afirmamos o caráter confidencial e sigiloso de qualquer informação prestada. Você também poderá interromper sua participação a qualquer momento, assim como retirar seu consentimento. Os resultados serão divulgados ao final do curso, quando o referido estudo for apresentado para sua efetiva aprovação. Acredita-se que esta pesquisa não acarretará riscos que possam prejudicar a integridade de qualquer participante.

Caso você não queira participar, o atendimento do seu filho(a) na escola não será comprometido. Qualquer dúvida em relação à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou sobre seus direitos você entrar em contato comigo pelo telefone (15) 33733722, ou pelo e-mail:pazinianalucia@gmail.com. Esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está redigido em duas vias, uma para ser mantida com a pesquisadora e outra será entregue ao participante.

Caso aceite nosso convite para participar voluntariamente desta pesquisa, solicitamos que assine seu nome na linha abaixo.

Agradecemos pela sua colaboração.

Nome do participante

Assinatura do participante

Nome da pesquisadora

Assinatura da pesquisadora

Itapetininga- SP, _____ de _____ de 2010

ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PROFESSORES

Prezado(a) Professor(a),

Convido-o (a) a participar desta pesquisa cujo objetivo geral é analisar a importância da afetividade na relação professor-aluno para o processo ensino aprendizagem em um ambiente de inclusão. A investigação será realizada pela professora Ana Lúcia Pazini Bonfante, aluna do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão escolar na Universidade Aberta do Brasil para realização da monografia de conclusão do curso.

O estudo tem a intenção de promover mais conhecimentos sobre a importância da afetividade para o processo de inclusão. Para tanto, serão realizadas entrevistas com você, de aproximadamente 40 minutos, para ampliar a compreensão sobre o processo de inclusão e a afetividade do seu ponto de vista.

Afirmamos o caráter confidencial e sigiloso de qualquer informação prestada. Sendo possível interromper sua participação a qualquer momento, assim como retirar seu consentimento. Os resultados serão divulgados por ocasião da defesa da Monografia. Acredita-se que esta pesquisa não acarretará riscos que possam prejudicar a integridade de qualquer participante.

Caso não concorde em participar, não haverá prejuízo para sua atuação em sua referida escola. Qualquer dúvida em relação à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou sobre seus direitos você entrar em contato comigo pelo telefone(15) 33733722, ou pelo e-mail pazinianalucia@gmail.com. Esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está redigido em duas vias, uma para ser mantida com a pesquisadora e outra será entregue ao participante.

Caso aceite nosso convite para participar voluntariamente desta pesquisa, solicitamos que assine seu nome mais adiante.

Agradecemos pela sua colaboração.

Nome do participante

Assinatura do participante

Nome da pesquisadora

Assinatura da pesquisadora

Itapetininga- SP, _____ de _____ de 2010.